

O BATIZADO

Em todas as tribos, grupos, turmas, há sempre um ritual de passagem. Nas tribos de índios, o jovem menino só se torna homem após passar por um período de provas, seja caçando determinado animal, ou sofrendo algum tipo de prova física.

Por certo, na turma da Barão de Ipanema, em Copacabana, para que alguém ingressasse naquele seleto grupo, não se exigia nenhum tipo de caça ou castigo físico mais cruel. Porém tínhamos nosso rito de passagem, nossa prova para que o novo membro da turma fosse aprovado e ter o privilégio de conviver com os ilustres baronenses.

Era um batizado, tal qual os cristãos faziam na Roma Antiga. Não mergulhávamos ninguém em água limpa, ou recitávamos algum tipo de oração. O batismo consistia em algo, digamos, bem mais escatológico. Bem antes do batismo, o candidato já participava da turma, passava por um período pré-batismal. Avaliava-se sua conduta, sua personalidade, seu espírito fraterno, enfim, alguns pré-requisitos exigidos. O mais importante dos requisitos era jurar de amor a amada Rua Barão de Ipanema. A turma da Barão tinha que estar acima de tudo. Atacar um de seus membros seria como atacar a todos indistintamente. Alguns membros eram mais exigentes que outros, mas sempre se aprovava o candidato. Passado o período pré-batismal, marcávamos o grande momento: o batismo.

Como sempre, acontecia no sábado de manhã, o que significava praia após a cerimônia. Os preparativos iniciavam alguns dias antes. E no que consistia o tal batismo? Em primeiro lugar, escolhia-se uma das tantas árvores da Barão. Depois, o candidato era amarrado nesta árvore, devidamente vestido com sua sunga de praia. Lambuzávamos seu rosto com pasta d'água, que servia de proteção do sol. Ainda não existiam protetores solares, e nem o sol era tão cruel assim, naquela época. Uma vez devidamente amarrado e pintado, o rito começava. Ah, os preparativos iniciados alguns dias antes consistiam em preparar os ovos e tomates e demais "oferendas", de modo a ficar o mais podre possível. Os ovos sofriam injeções de algum líquido que acelerasse a putrefação; os tomates

comprados tinham que estar bem maduros e, de preferência, podres. Estes ingredientes e outros mais serviam para o batizado.

Feitos os preparativos, iniciava-se o batismo. O ilustre candidato era literalmente coberto de ovos, tomates, farinha, líquidos de todas as espécies, tudo em plena manhã de sol em Copacabana. Um pouco humilhante, é verdade, mas fundamental para ser um membro daquele clã. Todos gritavam e pulavam em volta da árvore, e o sujeito ali, amarrado, todo sujo, sendo observado pelos que passavam. Alguns adultos recriminavam, outros nem tanto. O importante era mostrar a todos, que ali estava um novo membro da turma e deveria ser respeitado por isto. Diante do que acontece nos dias de hoje, tratava-se de uma brincadeira quase ingênua. Ninguém se machucava, não havia nenhuma violência, alguns cascudos talvez, mas nada que deixasse sequelas.

Ao final, lá íamos todos para a praia e, ao longo da rua, o novo membro, já batizado, desfilava seu orgulho de pertencer à Turma, todo sujo e fedido. Ao chegarmos na praia o último ritual, o da purificação. Mergulhávamos todos, principalmente o batizado, que conseguia tirar a sujeira, mas o cheiro só com um belo banho em casa. O mais importante nisso tudo é que efetivamente éramos uma fraternidade. Havia um sentido de amizade que permeava nossa convivência. Uma camaradagem que se perpetua até os dias de hoje.

Sergio Serpa